

## O ASSASSÍNIO DE CINDERELA

MARY HIGGINS CLARK

e

ALAFAIR BURKE

# O ASSASSÍNIO DE CINDERELA

Tradução de  
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

*Para Andrew e Taylor Clark — os recém-casados — com amor*

## AGRADECIMENTOS

É tão gratificante contar mais uma história, partilhar mais uma viagem, com personagens que eu criei e por quem vim a desenvolver um profundo carinho — ou não. E, desta feita, fi-lo passo a passo com uma escritora maravilhosa, Alafair Burke.

Marysue Rucci, editora-chefe da Simon & Schuster, tem sido uma mentora e uma amiga maravilhosa. Alafair e eu adorámos trabalhar com ela neste livro, que é o primeiro de uma série.

A equipa da casa começa com o meu braço direito, Nadine Petry, a minha filha Patty e o meu filho Dave. E, obviamente, John Conhee-ney, um marido extraordinário.

Os meus agradecimentos a Jackie Seow, diretora artística. As capas dela fazem-me ficar tão bem.

E o meu muito obrigada aos meus fiéis leitores, cujo encorajamento e apoio me fizeram escrever mais um conto.

Caro Leitor,

O meu editor teve uma ideia de que eu gostei muito: escrever uma série de romances em coautoria, baseados nas personagens principais de *O Azul dos Teus Olhos*. Trabalhando com Alafair Burke, uma escritora de livros de *suspense* que há muito admirava, criámos *O Assassínio de Cinderela*. Neste romance e nos que se lhe seguirão, partimos da premissa de que as testemunhas, amigos e familiares de casos não resolvidos seriam reunidos para aparecer num programa de televisão anos depois do crime, na esperança de encontrar pistas que escaparam nas investigações iniciais. Espero que gostem da história.

Mary Higgins Clark

## CAPÍTULO 1

Eram duas da manhã. Mesmo a tempo, pensou Rosemary Dempsey, maldisposta. Na véspera de um grande dia, ela acordava invariavelmente a meio da noite e começava a preocupar-se com que algo corresse mal.

Fora sempre assim desde que era criança. E agora, aos cinquenta e cinco anos, casada e feliz há trinta e dois, mãe de uma filha, a bela e talentosa Susan de dezanove anos, Rosemary não conseguia deixar de se preocupar permanentemente, de ser uma Cassandra em carne e osso. *Alguma coisa vai correr mal.*

Obrigada mais uma vez, mãe, pensou Rosemary. Obrigada por todas as vezes em que sustiveste a respiração, certa de que o bolo invertido que eu adorava fazer para o pai se ia estatelar. Isso só aconteceu com o primeiro que fiz, tinha eu oito anos. Todos os outros saíam perfeitos. Eu ficava tão orgulhosa de mim mesma. Mas eis que, no aniversário dele, quando eu tinha dezoito anos, tu me contaste que tinhas sempre um bolo de reserva para ele. No único ato de desafio de que tenho memória, fiquei tão chocada e furiosa que atirei o que eu tinha feito para o lixo.

Começaste a rir e tentaste desculpar-te, dizendo-me: «Desculpa, Rosie, tu és talentosa noutras coisas, mas tens de admitir que na cozinha és desastrada.»

E claro que arranjaste outras formas de me dizer em que outros contextos eu era desastrada, pensou Rosemary. «Rosie, quando fazes a cama, assegura-te de que a colcha fica com o mesmo comprimento de ambos os lados. Só demoras mais um minuto a fazer isso bem feito.» «Rosie, tem cuidado. Quando leres uma revista, não a atires

de qualquer maneira para cima da mesa. Arruma-a bem ao pé das outras.

E mesmo agora, apesar de saber que sei preparar uma festa ou fazer um bolo, tenho sempre a certeza de que alguma coisa vai correr mal, pensou Rosemary.

Mas naquele dia havia um motivo para estar apreensiva. Era o sexagésimo aniversário de Jack e, nessa noite, sessenta amigos iam juntar-se a eles para o celebrar. A sua infalível empresa de *catering* iria servir *cocktails* e um jantar volante no pátio. A previsão meteorológica era perfeita, estaria sol e mais de vinte graus.

Era dia sete de maio e em Silicon Valley isso significava que as flores estariam todas no seu auge. A casa de sonho do casal, a terceira desde que se haviam mudado para San Mateo, há trinta e dois anos, tinha sido construída à imagem de uma vila na Toscana. De cada vez que entrava pelo caminho de acesso, Rosemary voltava a apaixonar-se pela casa.

Vai correr tudo bem, garantiu a si mesma, com impaciência. E, como de costume, vou fazer o bolo de aniversário invertido para o Jack e ele vai ficar perfeito e os nossos amigos vão divertir-se e vão dizer-me que eu sou maravilhosa. «As tuas festas são sempre perfeitas, Rosie... o jantar estava delicioso... a casa linda...», *et cetera, et cetera*. E, por dentro, eu vou estar numa pilha de nervos, pensou ela. Uma autêntica pilha.

Com cuidado para não acordar o marido, ela fez rebolar o corpo esguiado na cama até o seu ombro tocar no de Jack. A respiração regular dele indicou-lhe que estava a gozar o seu habitual sono tranquilo. E bem merecia. Trabalhava tanto. Tal como fazia com frequência quando estava a ter um dos seus ataques de preocupação, Rosemary começou a recordar a si mesma todas as coisas boas que tinha na vida, a começar no dia em que conhecera Jack no campus da Universidade de Marquette. Ela estava a fazer o bacharelato. Ele estudava Direito. Foi um daqueles típicos amores à primeira vista. Tinham casado quando ela terminou o curso. O Jack sentia um fascínio enorme pela evolução tecnológica e começou a falar incessantemente de robôs, telecomunicações, microprocessadores e de uma coisa chamada trabalho em rede. No espaço de um ano, mudaram-se para o norte da Califórnia.

Eu sempre quis que vivêssemos em Milwaukee, pensou Rosemary. Ainda me mudava para lá sem pestanejar. Ao contrário da generalidade das pessoas, adoro invernos frios. Mas mudarmo-nos para cá resultou definitivamente connosco. O Jack dirige o departamento legal da Valley Tech, uma das principais empresas de investigação do país. E a Susan nasceu aqui. Depois de mais de uma década sem termos a família que desejávamos e pela qual rezávamos, tínhamo-la nos braços.

Rosemary suspirou. Para seu desgosto, Susan, a sua única filha, era californiana até à raiz dos cabelos. Ela desdenhava da hipótese de ir viver para outro lado. Rosemary tentou libertar-se da preocupação de no ano anterior Susan ter escolhido frequentar a UCLA, uma grande instituição, mas que ficava a cinco horas de distância de carro. Ela tinha sido admitida mais perto de casa, na Universidade de Stanford. Mas decidira inscrever-se a correr na UCLA, provavelmente porque o inútil do seu namorado, Keith Ratner, já ali estudava. Meu Deus, pensou Rosemary. Não permitas que ela acabe por fugir para se casar com ele.

A última vez que ela olhou para o relógio eram três e meia e a última coisa que sentiu antes de voltar a adormecer foi novamente um medo avassalador de que alguma coisa ia correr tremendamente mal.



## CAPÍTULO 2

Ela acordou às oito horas, uma hora mais tarde do que era costume. Desolada, saiu da cama à pressa, enfiou um robe e correu para o andar de baixo.

Jack ainda estava na cozinha, com um *bagel* torrado numa mão e uma caneca de café na outra. Tinha uma camisa desportiva e umas calças de linho vestidas.

— Feliz sexagésimo aniversário, amor — cumprimentou-o. — Não te ouvi levatares-te.

Ele sorriu, engoliu o último pedaço de pão e pousou a caneca.

— Não tenho um beijo pelo meu aniversário?

— Recebes sessenta — prometeu Rosemary quando sentiu o marido abraçá-la.

Jack tinha quase mais trinta centímetros do que Rosemary. Quando ela estava de saltos, não parecia ser muito, mas agora que estava com os chinelos de quarto, ele parecia uma torre ao lado dela.

Fazia-a sempre sorrir. Jack era um homem atraente. Com uma cabeleira farta, que era agora mais grisalha do que loura, um corpo esguio e musculado e um rosto suficientemente bronzeado para realçar os seus olhos azuis.

Susana era mais parecida com o pai, quer em aparência, quer em temperamento. Era alta e esguia, com um cabelo louro comprido, uns olhos de um azul profundo e feições clássicas. O cérebro dela funcionava como o dele. Era dotada para as disciplinas técnicas, sendo a melhor aluna de laboratório na escola. Era também talentosa para as aulas de teatro.

Ao pé deles, Rosemary achava sempre que passava despercebida. Também era essa a opinião da sua mãe. «Rosie, devias fazer umas madeixas no cabelo. É tão castanho lamacento.»

Agora, apesar de usar *nuances*, Rosemary achava sempre que o seu cabelo era «castanho lamacento».

Jack roubou o seu longo beijo e depois soltou-a.

— Não me mates — disse ele. — Mas eu estava com esperança de ir ao clube fazer dezoito buracos antes da festa.

— Eu imaginei que sim. Fazes bem! — respondeu Rosemary.

— Não te importas que eu te abandone? Eu sei que não vais querer ir comigo.

Riram-se os dois. Ele sabia muito bem que ela ia passar o dia a tratar de pormenores.

Rosemary pegou na cafeteira.

— Bebe mais uma caneca de café comigo.

— Claro que sim. — Olhou pela janela. — Ainda bem que o tempo está bom. Não gosto nada que a Susan tenha de guiar até cá quando está tempestade, mas a previsão do tempo para o fim de semana é boa.

— E a mim não me agrada que ela tenha de regressar amanhã de manhã cedo — respondeu Rosemary.

— Eu sei. Mas ela é uma boa condutora e é jovem, por isso uma viagem de ida e volta não é um problema. Mas lembra-me para falar com ela para trocar de carro. Tem dois anos e já foi vezes demais à oficina. — Jack bebeu o resto do café. — Bom, vou-me embora. Devo estar em casa perto das quatro. — Ele deu um beijo rápido na testa de Rosemary e saiu porta fora.

Às três horas, radiante de satisfação consigo mesma, Rosemary afastou-se da mesa da cozinha. O bolo de aniversário de Jack estava perfeito e, quando ela o virou e tirou a forma, nem uma única migalha saiu do lugar. A cobertura de chocolate, receita dela, estava suficientemente suave e as palavras FELIZ 60.º ANIVERSÁRIO cuidadosamente gravadas, uma a uma.

Está tudo pronto, pensou ela. Então, porque é que não consigo relaxar?

### CAPÍTULO 3

Daí a quarenta e cinco minutos, quando Rosemary esperava ver Jack entrar pela porta, o telefone tocou. Era Susan.

— Mãe, tive de arranjar coragem para lhe dizer. Eu não vou conseguir ir para casa esta noite.

— Oh, Susan, o pai vai ficar tão desapontado!

Susan disse, numa voz jovem e cheia de entusiasmo, quase sem fôlego:

— Não liguei antes porque não tinha a certeza. Mãe, o Frank Parker vai *encontrar-se comigo esta noite*, para falarmos acerca da possibilidade de eu entrar no seu novo filme. — Acalmou um bocado.

— Mãe, lembra-se de eu ter entrado no *Home Before Dark* antes do Natal?

— Como podia ter-me esquecido? — Rosemary e Jack tinham ido de avião até Los Angeles, para assistirem à peça na terceira fila. — Tu foste maravilhosa.

Susan riu-se.

— A mãe é minha mãe. Não ia dizer o contrário. Seja como for, lembra-se do agente do *casting*, o Edwin Lange, ter dito que me ia contratar?

— Sim e nunca mais ouvi falar nele.

— Mas eu sim. Ele disse-me que o Frank Parker viu a gravação da minha audição. O Edwin gravou o espetáculo e mostrou a gravação ao Frank Parker. Disse que ele ficou encantado e que pensou em mim para ser protagonista num filme que ele está a preparar. O filme

passa-se num campus universitário e ele quer procurar estudantes universitários para entrarem nele. Quer encontrar-se comigo. Consegue acreditar, mãe? Não quero dar azar mas sinto-me com tanta sorte. Parece que é bom demais para ser verdade. Acredita que eu posso conseguir um papel, se calhar o papel principal?

— Acalma-te, ou ainda tens um ataque cardíaco — advertiu a mãe. — E depois não consegues papel nenhum. — Rosemary sorriu e imaginou a filha, toda ela a transpirar energia e a retorcer o cabelo louro com os dedos, com os seus maravilhosos olhos azuis a brilharem.

O semestre está quase a acabar, pensou ela. Se ela conseguisse um papel neste filme, era uma grande experiência.

— De certeza que o pai vai compreender, Susan, mas certifica-te de que lhe voltas a ligar.

— Vou tentar. Mas, mãe, eu vou encontrar-me com o Edwin daqui a cinco minutos, para rever a gravação com ele e para ensaiarmos, porque ele diz que o Frank Parker vai querer que eu leia para ele. Não sei quanto tempo vou demorar. Vocês vão estar na festa e não vão ouvir o telefone. E se eu ligasse ao pai de manhã?

— É capaz de não ser má ideia. A festa é das seis às dez, mas a maior parte das pessoas vai ficar mais tempo.

— Dê-lhe um beijinho de parabéns por mim.

— Eu dou. Arrasa com esse realizador.

— Vou tentar.

— Adoro-te, querida.

— Adoro-a, mãe.

Rosemary nunca se habituara ao silêncio súbito que se seguia quando uma chamada de telemóvel era interrompida.

Quando, na manhã seguinte, o telefone tocou, Jack — que estava a ler o jornal — saltou.

— Cá está a nossa menina, bem cedinho, como convém a uma universitária num domingo.

Mas a chamada não era de Susan. Era da polícia de Los Angeles. As notícias eram difíceis. Tinham encontrado uma jovem, antes

do nascer do dia, em Laurel Canyon Park. Parecia ter sido estrangulada. Não queriam alarmá-los, mas a carta de condução da filha deles fora encontrada a cerca de quinze metros do corpo. A jovem tinha um telemóvel fechado na mão e o último número marcado era o deles.